



Tentando compreender Gaza

Colin Chapman¹

Este artigo não reflete necessariamente a posição do 'Centro de Reflexão Missiológica Martureo'. Representa uma parte do pensamento evangélico brasileiro e/ou mundial em relação a diferentes aspectos da Missão, publicado aqui com o intuito de contribuir para a nossa reflexão como movimento missionário.

Se houver um cessar-fogo quando este artigo aparecer, nenhuma das questões abaixo estará resolvida. Eis aqui, portanto, uma breve tentativa de analisar do que se trata esta recente deflagração da luta entre Israel e Gaza — com quatro chaves que me ajudam a compreender o quadro maior.

1) **A maioria dos palestinos em Gaza hoje é composta de filhos ou netos de árabes palestinos expulsos de seus lares na *Nakba* em 1948.**

Benny Morris foi um dos primeiros novos historiadores revisionistas israelenses que documentaram o processo pelo qual cerca de 750.000 palestinos foram expulsos de seus lares, meses antes e depois da criação do estado de Israel em maio de 1948. Em seu livro *The Birth of the Palestinian Refugee Problem, 1947-1949* [O nascimento do problema dos refugiados palestinos] (1988), ele desfez o mito de que haviam fugido porque seus líderes os haviam incentivado e descreveu como alguns foram para Gaza, enquanto outros se mudaram para o Egito, a Cisjordânia e o Líbano. Alguns anos depois, ele surpreendeu muitos quando disse, numa entrevista para o jornal Haaretz, que Israel não teria tantos problemas hoje se tivesse feito um trabalho mais completo e expulsado muito mais palestinos da área do novo estado de Israel. Outro historiador israelense, Ilan Pappé, hoje professor da Faculdade de Ciências Sociais e Estudos Internacionais na Universidade de Exeter, usou material semelhante para descrever com muitos detalhes como as expulsões foram realizadas em toda a área com o objetivo de reduzir ao mínimo possível o número de árabes que permaneceriam dentro do estado de Israel, e ele não teve receio de dar ao livro o título *The Ethnic Cleansing of Palestine* [A limpeza étnica da Palestina] (2006). O tratamento a que Israel submeteu os palestinos durante esse período crucial antes de depois do estabelecimento do estado tem sido chamado “o pecado original de Israel”. O ponto relevante nesse contexto é que os mísseis que os palestinos estão lançando de Gaza estão caindo sobre áreas de onde seus pais e avós foram expulsos em 1948.

Rami Khoury, jornalista palestino-jordaniano, defende com vigor esse ponto num artigo publicado no jornal *The Daily Star* em Beirute, em 26 de julho:

“É muito difícil para sionistas e israelenses, que se recusam a compreender o próprio protagonismo na redução dos palestinos à condição de refugiados, perceberem e resolverem as raízes da questão. Eles também ignoram que não haverá paz para ninguém, a menos que as causas originais do conflito de 1947-49 sejam resolvidas de maneira imparcial. Se os israelenses não virem isso nos olhos, túneis, mísseis e corpos carbonizados de crianças palestinas mortas, e continuarem insistindo, com os Estados Unidos, em priorizar a segurança dos israelenses em lugar de uma postura mais equilibrada de garantir direitos para os dois povos, então ondas selvagens de violência persistirão anos. Isso seria apenas somar estupidez à selvageria.”

2) “É o cerco e a ocupação, estúpido!”

Ninguém pode negar o direito de Israel à autodefesa, sujeito ao teste de proporcionalidade, e é compreensível que Israel queira forçar o Hamas a parar de lançar mísseis indiscriminadamente contra Israel. O Hamas poderia ter parado de lançar mísseis assim que as baixas começaram a se acumular e a comunidade internacional pediu um cessar-fogo. Mas Gaza tem sido descrita como a maior prisão a céu aberto do mundo, e os mísseis (que, por enquanto, só matou três civis em Israel), expressam o desespero dos palestinos por oito anos de bloqueio econômico impostos por Israel depois que o Hamas chegou ao poder em 2006. É evidente a determinação de Israel em destruir o arsenal do Hamas e a rede de túneis que chegam a Israel. Mas os líderes do Hamas acreditam que não podem se dar ao luxo de aceitar um cessar-fogo sem garantirem, da parte de Israel, concessões que aliviem a crise humanitária que se desenvolve dentro de Gaza. Os números aterradores de mortes de civis, portanto, e a destruição de tantas propriedades são vistos como o preço que precisa ser pago para forçar Israel a se curvar à pressão internacional e encerrar seu bloqueio nefasto. Os palestinos em Gaza sentem que se não morrem sob os mísseis, serão estrangulados até a morte pelo bloqueio.

Antes dele, claro, a ocupação existia. Em junho de 1967, Israel ocupou a Cisjordânia, os Montes de Golá, o Sinai e a Faixa de Gaza, onde acabaram construindo 20 assentamentos em 20% da área. Foi nesse contexto de ocupação por volta de 1988 que surgiu o Hamas como movimento de resistência. A maior parte do mundo acredita que a ocupação israelense da Cisjordânia a partir de 1967 é ilegal segundo a lei internacional e que cada assentamento nos territórios ocupados é ilegal. Sob a liderança de Ariel Sharon, Israel retirou-se completamente de Gaza em 2005, mas pela lei internacional, ainda mantém todas as responsabilidades do poder de ocupação. A fundamentação lógica para o recuo foi explicada nestes termos por Dov Weissglass, um dos conselheiros de Sharon: “A importância do plano de retirada é o congelamento do processo de paz ... E quando se congela esse processo, evita-se o estabelecimento de um estado palestino, evita-se uma discussão sobre refugiados, os limites e Jerusalém”. Parece que, agora, até a administração americana concluiu que o dito processo de paz buscado que John Kerry vem buscando com tanto empenho nos últimos nove meses cai por terra principalmente porque Israel se recusa a parar de construir novos assentamentos na Cisjordânia. Os mísseis do Hamas, portanto, parecem ser o único meio que têm para expressar a ira e o desespero dos palestinos com o bloqueio e a ocupação.

Avi Shlaim, professor emérito de Relações Internacionais na Universidade de Oxford destaca esses pontos num artigo intitulado “Qual a utilidade do ‘equilíbrio’ numa guerra tão assimétrica?” em *The Independent on Sunday* de 27 de julho:

“É difícil resistir à conclusão de que o verdadeiro objetivo de Israel ao deflagrar essa ofensiva é bombardear o Hamas levando-o a uma rendição humilhante. O alvo final de Israel parece ser não só uma paz, mas a reimposição do *status quo* com uma Palestina fragmentada e consigo mesmo como um senhor imperial.”

3) **O conflito israelo-palestino é um conflito de dois nacionalismos, com dois povos clamando o mesmo pedaço de terra por motivos diferentes.**

Theodore Herzl apresentou sua visão do sionismo político no livro *The Jewish State* [O estado judeu] em 1896 e, no ano seguinte, reuniu o Primeiro Congresso Sionista em Basel. Tendo concluído que a emancipação dos judeus na Europa no século XIX fracassou, ele acreditava que a única maneira para eles se sentirem seguros no mundo moderno era retornarem à terra ancestral na Palestina e criar ali algum novo tipo de política judia. Na época em que escreveu o livro, os judeus não passavam de 8% da população total da Palestina. Os 92% restantes da população — árabes palestinos — tinham consciência dos movimentos nacionalistas na Europa e estavam começando a desenvolver os próprios sonhos de nacionalismo árabe e independência do governo otomano. Uma das ironias da história, portanto, é que o nacionalismo judeu (sionismo) teve o efeito de estimular o nacionalismo árabe. Os judeus têm baseado seu direito à posse da terra e à soberania no fato de terem ocupado a área nos tempos bíblicos. Os palestinos baseiam suas alegações no fato de seus ancestrais estarem vivendo na terra desde a conquista árabe no século VII ou até antes. Assim, uma das raízes fundamentais do conflito é esse choque de nacionalismos.

Os palestinos precisam compreender hoje, de algum modo, que o antissemitismo europeu, que culminou no Holocausto, criou o anseio por uma terra em que os judeus pudessem sentir-se salvos e seguros. Pelo mesmo motivo, os judeus em Israel e em todas as partes precisam compreender que o nacionalismo judeu e o nacionalismo árabe (e, em especial, palestino) desenvolveram-se lado a lado durante o último século e que o entendimento bíblico da justiça é que devemos buscar para nosso próximo o que buscamos para nós mesmos. A relevância desse ponto para o conflito atual é destacado por Rami Khoury:

“O problema fundamental para Israel, que este nunca compreendeu, é que a intensidade da vontade individual e coletiva dos palestinos para resistir a um exílio ou esquecimento permanente e a continuar lutando pela reconstituição nacional e por justiça é tão forte quanto a vontade entre os judeus que lutaram contra o antissemitismo cristão ocidental por séculos e finalmente criaram seu estado sionista na Palestina.”

4) **Apesar de todas as falhas e crimes, o Hamas tem sido uma expressão consistente do nacionalismo e da ira dos palestinos.**

Eu jamais seria um defensor do Hamas porque tenho muita consciência de sua ideologia islamista de linha dura, sua brutal supressão da oposição e seus ataques violentos a cidadãos israelenses. Duvido que seja tão inocente como afirma no que diz respeito a seus lançadores de mísseis e aos túneis sob o muro Norte, entrando em Israel, para possibilitar ataques a Israel. Ao mesmo tempo, creio que muito da crítica contra ele tem sido injusta e injustificada.

O Hamas surgiu como movimento de resistência no contexto da ocupação israelense. Assim, se não houvesse a ocupação iniciada em 1967, não haveria Hamas — assim como não haveria Hezbollah no Líbano se Israel não o tivesse invadido em 1982 e permanecido como ocupantes por tantos anos no sul do país. O Hamas afirmou fortemente sua identidade islâmica em relação ao Fatah, que se considerou ter-se tornado muito secular; e assumiu uma posição firme contra Israel por acreditar que o Fatah já havia cedido demais nas negociações com Israel. Alguns alegam que nos primeiros anos o Hamas foi na verdade incentivado e apoiado por Israel como um meio de dividir a resistência palestina. O Hamas venceu nas eleições democráticas em Gaza e na Cisjordânia em 2006, e muitos acreditam que os Estados Unidos e a União Europeia cometeram um erro desastroso ao se recusarem a reconhecer essa vitória e a trabalhar com o Hamas. Os governos ocidentais são, portanto, acusados de hipocrisia por dizerem que apoiam a disseminação da democracia na região, mas se recusarem a aceitar os resultados de eleições democráticas.

Embora o Hamas mantenha sua posição islamista, é totalmente enganoso dizer que a inimizade palestina para com Israel é motivada fundamentalmente pelo islã. Os muçulmanos palestinos tendem a se voltarem para a religião para encontrar motivação em sua luta. Mas a causa original do conflito é a desapropriação, não a religião. O Hamas tem mostrado com frequência que sua ideologia pode ser modificada pelo pragmatismo e tem indicado em muitas ocasiões sua disposição de negociar com Israel. Se Israel continua rotulando o Hamas como “organização terrorista”, esse não seria um caso de um roto falar mal do esfarrapado? Houve muito terrorismo dirigido contra o Mandato Britânico e os palestinos nas décadas anteriores ao estabelecimento do estado de Israel; e quantos dos primeiros ministros anteriores de Israel estavam engajados em atividades terroristas nos anos de juventude? Um estado pode engajar-se em terrorismo tanto quanto um movimento de resistência.

Se alguns palestinos não apoiavam o Hamas e o culpavam pela escalada das lutas nas últimas duas semanas, é provável que a ferocidade dos ataques de Israel sobre Gaza tenha tido o efeito de angariar amplo apoio para o Hamas e suas demandas. Uma das lições do processo de paz na Irlanda do Norte foi que não houve um sucesso significativo até *todas* as partes — inclusive as consideradas extremadas — serem incluídas no processo político.

É fácil criticar e condenar o Hamas por sua forma de se engajar na resistência. Mas os palestinos não teriam um bom motivo para estarem exasperados tanto com o bloqueio como com a ocupação contínua? E não seria tempo de o mundo tentar compreender as raízes desse conflito e tentar resolvê-lo de um modo mais imparcial?

Quando vemos o desenrolar dessa tragédia terrível, portanto, devemos orar por todos os que, no espírito das bem-aventuranças, “têm fome e sede de justiça” e procuram ser pacificadores. Ao mesmo tempo, assim como pressionamos o governo de nosso país, podemos fazer algumas coisas para apoiar as pessoas em Gaza por meio de organizações cristãs como as seguintes que estão trabalhando na região:

- O Hospital Árabe Al-Ahli em Gaza, dirigido pela Diocese Anglicana de Jerusalém
- Hope Christian Trust, apoiando a Escola Batista e a Igreja Batista em Gaza
- Embrace the Middle East (antigo BibleLands), sustentando muitas instituições cristãs por toda a região e atualmente administrando um apelo de emergência em favor de Gaza
- Amos Trust, projeto do Kairos Britain e do Friends of Sabeel UK, que sustentam o projeto Kairos Palestine
- Bethlehem Bible College, que mantém um programa de extensão em Gaza
- Musalaha (Reconciliação), juntando judeus messiânicos e cristãos palestinos em encontros face-a-face

¹ **Colin Chapman** trabalhou com Sociedades Missionárias Eclesiásticas (SME) no Oriente Médio por 18 anos e lecionou Estudos Islâmicos na Escola de Teologia do Oriente Próximo. Ele tem ensinado no Trinity College, em Bristol, e foi diretor do Crowther Hall, a faculdade de treinamento para SME em Selly Oak, Bristol. Agora está desfrutando de semiaposentadoria em Cambridge. Entre seus livros estão *Whose Promised Land?*, *Whose Holy City? Jerusalem and the Israel-Palestinian Conflict*, *Christianity on Trial* (Lion), *Cross and Crescent: responding to the challenges of Islam* (IVP) e *“Islamic Terrorism”: is there a Christian response?* (Grove).